

Quando as Pedras são vestígios do passado¹

Jeferson Moroni Martins BALBUENO²

Joseline PIPPI³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, Rio Grande do Sul

Resumo

O presente trabalho relata o caminho de realização da reportagem “Quando as pedras são vestígios do passado”, produzida na disciplina Tópicos em Jornalismo Científico, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. Para isso, remonta-se à história do jornalismo científico e suas principais características, para depois se compreender com que base a reportagem foi construída. Também são apresentadas as principais características do trabalho jornalístico e conclui-se trazendo um breve panorama do jornalismo científico atual e sua necessidade de maior valorização.

Palavras Chave: Jornalismo Científico; Ciência; Arqueologia;

INTRODUÇÃO

Esta reflexão busca relatar as fases de produção da reportagem “Quando as Pedras são Vestígios do Passado”, produzida para a disciplina de Tópicos em Jornalismo Científico, no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. A matéria faz o relato do descobrimento de pedras lascadas, forjadas pelo homem do período Holoceno (12 mil anos atrás) no sítio arqueológico da Fazenda de Santa Clara, no município de Quaraí, RS. Como evento científico a descoberta é importante, visto colocar em xeque algumas teorias de migração humana no continente sul-americano, fator que pode ser considerado como uma pauta interessante de ser abordada jornalisticamente em função da controvérsia que suscita.

O jornalismo científico é uma prática jornalística que pode ser inserida dentro de especificidades próprias ao jornalismo especializado. Para Abiahy (2000), o jornalismo especializado pode se compreendido como uma forma de aprofundamento dos assuntos. Para a autora,

As publicações especializadas servem como um termômetro da gama de interesses das mais diversas áreas, expõem, então, o nível de dissociação entre os componentes da Sociedade da Informação. Mas por outro lado, podemos considerar que as produções segmentadas são uma resposta para determinados grupos que buscavam, anteriormente, uma linguagem e/ou uma temática apropriada ao seu interesse e/ou contexto. Esses grupos ago-

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso).

² Acadêmico do 6º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, e-mail: jefersonb05@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: josipippi@gmail.com.

ra encontram publicações ou programas segmentados com o qual possam se identificar mais facilmente (ABIAHY, 2000, p. 5-6).

Sendo assim, percebe-se que o jornalismo científico é uma prática especializada de jornalismo, em relação ao assunto tratado, podendo este ser considerado uma forma de especialização do jornalismo.

Para entender melhor a respeito do Jornalismo Científico, é importante compreender alguns de seus aspectos históricos. Fabíola de Oliveira (2010) afirma que essa segmentação de jornalismo especializado nasceu junto com a prensa de Gutenberg, por assim dizer. Na época em que a imprensa foi criada, muitos cientistas estavam fazendo suas primeiras descobertas no campo da física. A prensa de Gutenberg acelerou o processo de divulgação científica e muitos trabalhos e descobertas foram publicadas em livros, alguns dos quais provocaram grande agitação na Europa.

Oliveira cita como exemplo Galileu Galilei. Em 1606, Galilei lançou o livro *O Mensageiro Celeste* no qual fazia um relato em linguagem coloquial de suas observações, feitas por um telescópio, a respeito das três luas de Júpiter. A forma acessível do relato de Galilei, com linguagem simples, fez com que sua obra se tornasse extremamente popular na época, sendo debatida tanto entre nobres quanto nas classes menos privilegiadas. Em função disso, Galileu Galilei foi duramente perseguido pela Igreja Católica porque seus estudos contrariavam as Escrituras Sagradas. Em suas publicações seguintes, os textos traziam linguagem matemática, pouco acessível à população, e de difícil entendimento mesmo para o clero e para a nobreza. Foi uma forma encontrada pelo cientista para diminuir a perseguição sofrida em razão de seu trabalho. Galileu Galilei pode ter praticado, de uma forma um tanto quanto primitiva, o que chamamos hoje de *jornalismo científico*.

Essa vertente do jornalismo é uma das várias formas de especialização da área, considerando as especificidades do público e segmentando-se através dessas especificidades. É importante compreender que nem toda a forma de divulgação científica trata-se, especificamente, de jornalismo científico. Essa categoria de jornalismo possui características que são relevantes e importantes que impedem qualquer produção de ser enquadrada nessa segmentação.

É importante, ainda, ressaltar que o jornalismo científico possui algumas funções específicas, conforme apresentadas por Calvo Hernando (1977), que devem guiar desde a estruturação do assunto como pauta jornalística até a apresentação do conteúdo, de forma inteligível para a audiência. Para o pesquisador, as seis funções podem ser definidas como:

a) função informativa, relacionada à divulgação de fatos e informações, inteirando o leitor sobre descobertas e novidades científicas; b) educativa, formando opinião pública a partir da oferta de informação crítica e possibilitando um processo de ensino-aprendizagem através da mediação jornalística; c) social, a qual contextualiza a informação amplamente, incorporando o debate sobre o assunto; d) cultural, que prima por levar em conta a valorização dos diferentes ambientes culturais onde a C&T é produzida e por uma aproximação da informação ao leitor; e) econômica, que intenciona relacionar, criticamente, o desenvolvimento da ciência ao setor produtivo; e, finalmente, f) político-ideológica, que analisa, a partir de uma postura crítica, quem produz ciência e como o conhecimento científico é aplicado na sociedade, evitando que a prática se transforme em mera reprodução de conteúdo.

Logicamente a produção da reportagem aqui expressa seguiu em parte as aferições das funcionalidades acima citadas, visto tratar-se de uma tentativa de se produzir material jornalístico a partir de dados de origem científica. Ainda, ressalta-se que um dos objetivos principais da reportagem foi justamente produzir material jornalístico inteligível para os leitores compreendem não apenas o fato, mas também a controvérsia científica abordada na pauta.

OBJETIVOS

O objetivo da reportagem foi relatar uma descoberta científica que poderia ter grande significado para a comunidade de Quaraí, RS. De acordo com o relato do arqueólogo, o professor responsável pela pesquisa que conduziu os estudos, Saul Eduardo Seiguer Milder, as forças políticas da cidade de Quaraí não demonstraram interesse na descoberta dos artefatos encontrados pelos pesquisadores de Santa Maria.

A reportagem tinha por objetivo demonstrar que as pedras lascadas encontradas em Quaraí tinham, e têm um valor inestimável para os gaúchos. Os artefatos datam de 12 mil anos atrás. Além de fazer a comunidade científica pensar outras formas para explicar como o homem chegou ao continente americano, faz com que o Rio Grande do Sul se torne o berço de uma das sociedades mais antigas do continente americano.

Mas, infelizmente, a comunidade quaraíense não reconhece isso. De acordo com as palavras do professor Saul Milder, buscou-se realizar uma exposição desses artefatos na própria cidade, mas não houve interesse por parte do poder público local em levar esses objetos para serem expostos em Quaraí.

JUSTIFICATIVA

O jornalismo possui um *modus operandi*, com determinadas técnicas de apuração, entrevista, redação, etc, e características como periodicidade, atualidade e interesse público, que são fundamentais para designarmos uma prática como “jornalismo”. Mesmo que se volte para o tratamento de assuntos específicos, como por exemplo, temas científicos, essas práticas que caracterizam o jornalismo devem permanecer. Portanto, um texto que aborde ciência e que não tenha características de jornalismo não pode ser considerado jornalismo científico também. Ou seja, o jornalismo é uma prática *per se*, independente do assunto do qual trate. As diferenças, apenas, recaem sobre determinações de linguagem.

Essas designações ajudam a separar publicações que são produzidas pelos próprios cientistas, que divulgam seus artigos e textos em revistas científicas e que seguem os padrões acadêmicos, das publicações feitas por jornalistas. Enquanto os cientistas escrevem utilizando uma linguagem própria da área da ciência a qual eles pertencem (um cientista falando para a sua comunidade científica), as publicações jornalísticas tentam simplificar a linguagem e jargões utilizados pelos mais diversos pesquisadores para que a informação seja inteligível para o público leigo. Justamente, uma das características do livro de Galileu Galilei e uma das principais necessidades comunicativas do jornalista científico. Segundo Warren Burckett (1990) é por isso que o jornalismo científico também tem um grande potencial educativo:

A redação científica educa, em vários níveis, adultos cuja educação formal termina no 2º grau ou na faculdade. A redação científica ajuda a educar crianças sobre o mundo natural que as cerca além de seu ambiente imediato, além de suas salas de aula, além de sua limitada experiência. Como intermediários, os redatores de ciência devem esclarecer para si mesmos, seus editores e seu público, algumas ideias e conceitos que não são tão claros mesmo para muitos cientistas. (BURCKETT, 1990, p.6)

Essa declaração vai ao encontro do que pensa o professor José Marques de Melo (2006), ao apontar características que o Jornalismo Científico deve possuir para ter relevância social. Para Marques de Melo, os jornalistas não podem sacralizar a ciência e colocá-la como verdade absoluta. Para ele, a ciência também sofre influências ideológicas, políticas e empresariais. Então o pesquisador aponta algumas características que o jornalismo científico deve possuir para desempenhar uma função social relevante. Ele diz:

Deve ser uma atividade principalmente educativa. Deve ser dirigido à grande massa da nossa população e não apenas à sua elite. Deve promover

a popularização do conhecimento que está sendo produzido nas nossas universidades e centros de pesquisas, de modo a contribuir para a superação dos muitos problemas que o povo enfrenta. Deve utilizar uma linguagem capaz de permitir o entendimento das informações pelo cidadão comum. Deve gerar o desejo do conhecimento permanente, despertando interesse pelos processos científicos e não pelos fatos isolados e seus personagens. Deve discutir a política científica, conscientizando a população que paga impostos para participar das decisões sobre a alocação de recursos que significam o estabelecimento de prioridades na produção do saber. Deve realizar um trabalho de iniciação dos jovens ao mundo do conhecimento e de educação continuada dos adultos. (MARQUES DE MELO, 2006, p.118).

Logo, a principal justificativa para se elaborar uma reportagem científica é o seu potencial educador e social. Ao citar pesquisas de cientistas da Universidade Federal de Santa Maria, a reportagem em questão se enquadra na descrição de Marques de Melo (*Id.*) e de Burckett (*Op.Cit.*). Ela cita estudos, é escrita em linguagem acessível, explica os desdobramentos em torno do tema e é voltada para a realidade das pessoas que vivem no Rio Grande do Sul. Portanto tem relevância social.

Ainda nesse contexto educativo, o trabalho justifica-se como uma maneira de aproximar a universidade da sociedade. Aqui vale a pena apontar as ideias de Felipe Pena (2010) para melhorar o jornalismo científico e, inclusive, acabar com o abismo que existe entre ciência (representada pela universidade) e a sociedade:

Minha proposta é mostrar que um jornalismo científico eficiente começa na própria universidade com a criação de uma imprensa própria, articulada com a lógica interna da academia e com as rotinas produtivas dos veículos de informação, unindo-as, e não as separando. É preciso entender o funcionamento de ambas (imprensa e universidade) e encontrar pontos em comum, além de viabilizar o funcionamento de jornais, rádios e TVs universitárias. Ou seja, entender a lógica dos meios de comunicação de massa, a partir da criação de veículos próprios. E não me refiro a revistas acadêmicas, com espaço para linguagem prolixa, mas sim a uma comunicação ampla, acessível ao conjunto da sociedade. (PENA, 2010, p. 205).

Assim, também há a necessidade de reduzir a distância entre universidade e comunidade. Vale lembrar que a universidade existe em razão da sociedade. Se ela não estiver cumprindo o papel de propor melhorias para a sociedade como um todo, não estará cumprindo seu papel. Aí se percebe mais uma das funções do jornalismo científico.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A produção da reportagem foi possível com o uso de técnicas próprias do jornalismo. A pauta foi definida pela sua relevância no mundo acadêmico e também pela sua relevância sobre a sociedade. Aqui vale uma reflexão de Miquel Rodrigo Alsina (2009) a respeito do acontecimento relatado na reportagem. O autor nos diz que um acontecimento é uma variação dentro de um ecossistema.

A variação do ecossistema pressupõe a existência de um ecossistema com normas estabelecidas, que nos permitirão determinar quando é gerada uma variação. Toda a variação precisa de um ponto de referência a partir do qual possa ser comparado o estágio inicial com o estágio final. A partir dessa comparação, poderemos aferir a variação gerada no ecossistema. Mas essa variação também precisa de uma circunstância essencial para se tornar acontecimento: ela deve ser perceptível. Por definição, qualquer variação não perceptível de ecossistema não constituirá um acontecimento. Mas aqui deveríamos estabelecer uma diferença entre o secreto e não perceptível, ou seja, não comunicado e não percebido. Porque para que exista um acontecimento é uma condição *sine qua non* (grifo no original) mas não suficiente: a variação precisa ser comunicável. Senão, estaríamos diante de um tipo específico de acontecimento, isto é, o acontecimento secreto. Tanto a variação quanto o nível de percepção acontecem em relação com o ecossistema. (ALSINA, 2009, p.138-139)

Essa reflexão de Alsina nos ajuda a compreender a importância do acontecimento relatado na reportagem e foi justamente isso que influenciou a decisão da pauta. O uso de pedras lascadas era acontecimento corriqueiro no período Holoceno, mas que na nossa época torna-se acontecimento com valor de notícia. A existência de seres humanos no Rio Grande do Sul há 12 mil anos não era acontecimento para nossa sociedade, por assim dizer, até que tomássemos conhecimento dele. É isso que Alsina infere quando esclarece que a variação do ecossistema precisa ser perceptível. Se ninguém toma conhecimento de algo que aconteceu, ou seus efeitos, de fato esse acontecimento permanece como se nunca tivesse existido. Porém com a descoberta, a ciência tem um novo desafio e o Rio Grande do Sul pode ganhar o status de local onde viveu a civilização mais antiga do continente.

Definida a pauta, foi a vez de realizar as entrevistas. Para isso, fez-se necessário o deslocamento até a cidade de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul, para conhecer o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA e entrevistar os responsáveis pela descoberta. Duas pessoas serviram como fontes principais: o acadêmico Bruno Gato, que na época desenvolvia seu trabalho de conclusão de curso sobre os artefatos encontrados na Fazenda de Santa Clara, Quaraí; e o professor, Saul Milder, orientador do estudante supracitado.

Conforme as definições do professor Nilson Lage (2011), as entrevistas recebem várias classificações. Dependendo do objetivo, ela pode ser considerada como: a) ritual; b) temática; c) testemunhal; d) em profundidade. No caso da reportagem, todas as entrevistas foram **temáticas**. Lage define esse tipo de entrevista da seguinte maneira:

(...) aborda um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer. Geralmente consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos. Pode servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial como argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado) etc. (LAGE, 2011, p.74)

Nilson Lage também classifica as entrevistas de acordo com as circunstâncias em que foram realizadas. De acordo com ele, a entrevista pode ser: a) ocasional; b) confronto; c) coletiva; d) dialogal. Como as entrevistas foram realizadas no LEPA, com horário agendado, são classificadas como dialogais:

(...) é a entrevista por excelência. Marcada com antecedência, reúne, entrevistado e entrevistador e ambiente controlado – sentados, em geral, e, de preferência, sem interveniência de um aparato (como uma mesa de escritório) capaz de estabelecer hierarquia (quem se senta diante das gavetas da mesa assume, de certa forma, posição de mando). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento de detalhamento dos pontos abordados. (Idem).

Após a fase de entrevistas, foi feito um planejamento de como as informações recolhidas nas entrevistas seriam apresentadas no texto. Assim, foi determinado quais informações eram consideradas mais primordiais para que as demais também fossem compreendidas. Uma estratégia adotada foi a de responder possíveis perguntas que o leitor tivesse a respeito do assunto. Assim foi mais fácil deixar o texto acessível, mesmo se tratando de um assunto científico.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Durante a leitura das cinco laudas, o leitor vai se deparar com uma descrição do trabalho do LEPA e uma explicação dada pelos cientistas de como era a vida do homem de 12 mil anos atrás. As imagens utilizadas são dos tipos de rocha que as tribos utilizavam no período holoceno para fazer lascas, das pinturas rupestres (e aqui se pode destacar que há ocorrência de pinturas antropomórficas, isto é, com formas humanas, algo raro para o Rio Grande do Sul).

Na fase de diagramação da reportagem, foram escolhidas as imagens para compor a matéria visualmente. Na primeira foi utilizado um filtro do *Adobe Photoshop*® chamado “Stained Glass”, que deu uma aparência de mosaico sobre a ilustração que abre a matéria (um homem lascando uma rocha). Como se sabe, um mosaico é uma forma de arte em que se utiliza pedras para formar imagens, e isso pareceu apropriado com o tema da reportagem e com título escolhido: “Quando as pedras são vestígios do passado”, indicando claramente que as pedras lascadas do LEPA estavam ajudando a remontar a história.

Também foi utilizado um efeito do *Adobe Indesign*® para colocar uma foto de uma das pedras lascadas no meio da página, com o texto circundando-a. Assim o leitor pode ver, numa imagem maior, alguns detalhes das pedras. Bruno Gato explica no texto que, quando uma rocha é lascada, ela forma ondas hertzianas que deixam nervuras perceptíveis do resultado de outras vezes em que a rocha foi lascada. Essas duas informações ficam visíveis nesta fotografia.

No parágrafo final, é exposto claramente que a comunidade de Quaraí não se interessou pelos artefatos encontrados na Fazenda de Santa Clara.

CONSIDERAÇÕES

A reportagem cumpriu seu papel educativo: mencionou os estudos dos arqueólogos, teorias de povoamento do continente, falou sobre os processos de datação de artefatos antigos, explicou como o homem de 12 mil anos atrás vivia, entre muitas outras coisas. Todo o texto é escrito de uma forma que o leitor leigo do assunto possa compreender, pretendendo assim cumprir também uma função social. O ato de escrever de forma a tornar um fato inteligível e voltado para as questões sociais relembram a teoria construcionista do jornalismo e a teoria estruturalista. E por isso vale mencionar Stuart Hall, citado por Traquina (2005), quando afirma:

Este processo de “tornar um acontecimento inteligível” é um processo social – constituído por um número de práticas jornalísticas específicas, que compreendem (frequentemente de modo implícito) suposições cruciais sobre o que é sociedade e como ela funciona. (HALL *apud* TRAQUINA, 2005, p.177).

A reportagem tinha por objetivo chamar a atenção da comunidade para o valor do trabalho do LEPA. Portanto, tem caráter construcionista ao desejar construir uma realidade. Além de todos esses fatores, é importante lembrar que o Jornalismo Científico é uma das formas de especialização mais desvalorizada no mercado, embora o interesse do público por

ciência tenha crescido nos últimos anos⁴. O jornalista Reinaldo José Lopes, chefe da editoria “Ciência+Saúde” da *Folha de São Paulo*, afirmou, em março de 2013, em entrevista ao *Observatório da Imprensa*, que a editoria científica é uma das menos valorizadas dentro das redações de jornais:

O campo evoluiu bastante, as pessoas estão mais qualificadas e atentas, em comparação com o início da década anterior. Acho até que há muitos profissionais competentes fora do mercado, exatamente pela limitação de vagas nos meios de comunicação. Aliás, o jornalismo científico é sempre o primeiro a sofrer em situações de contenção de gastos e contração da economia. A editoria de ciências sempre foi uma espécie de “cereja do bolo”, nunca ocupou um espaço privilegiado no noticiário, como uma editoria majoritária. A atual crise econômica mundial também tem impactado o campo. No prazo de um ano e meio, já houve duas demissões em massa na Folha de S.Paulo, afetando, inclusive, a nossa editoria. Antes, havia uma página de Ciências e uma de Saúde, mas atualmente os espaços se fundiram em uma só página. Com a reformulação, a equipe conta com três profissionais a menos. (LOPES, 2013)

Logo, é necessária uma valorização desta forma de jornalismo especializado por justamente ela possuir um caráter educativo e social, como já mencionado anteriormente. Mas essa valorização tem de acontecer pelo público, e ainda pelas empresas jornalísticas. E quando se fala desse papel da empresa, significa dar visibilidade para as pesquisas que acontecem nas universidades brasileiras. Ainda são muitas publicações que aceitam colocar em suas páginas reportagens e notícias científicas enviadas por agências estrangeiras por não estarem interessadas em contratar profissionais para apurar pautas com cientistas brasileiros.

REFERÊNCIAS

ABIAHY, A. C. A. **O Jornalismo Especializado na Sociedade da Informação**. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2000. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BURCKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

CALVO HERNANDO, Manuel. **Periodismo científico**. Madrid: Paraninfo, 1977.

⁴ Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia concluiu que de 2006, quando uma enquete sobre interesse em ciência foi aplicada pela primeira vez, até 2010, o interesse do brasileiro por C&T havia crescido de 41% para 65%. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2011/01/interesse-do-brasileiro-por-ciencia-cresce-em-quatro-anos-revela-pesquisa>, acesso em 16 de março de 2014, às 18h.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.**

Rio de Janeiro: Record, 2011.

LOPES, Reinaldo José. Observatório da Imprensa. **Pouco Espaço para o jornalismo científico,** março, 2013. Seção: Feitos e Desfeitos. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed736_pouco_espaco_para_o_jornalismo_cientifico>. Acesso em 16 de março de 2014, às 20h.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras.** São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2010.

PORTAL BRASIL, **Interesse do brasileiro por ciência cresce em quatro anos, revela pesquisa,** jan, 2011, Seção: Ciência e Tecnologia. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2011/01/interesse-do-brasileiro-por-ciencia-cresce-em-quatro-anos-revela-pesquisa>> Acesso em 16 de março de 2014, às 19h.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005.